



**Keyla Christina Almeida Portela
Alexandre José Schumacher
(Organizadores)**

Produção Científica e Experiências Exitosas na Educação Brasileira 2

Keyla Christina Almeida Portela
Alexandre José Schumacher
(Organizadores)

Produção Científica e Experiências Exitosas na Educação Brasileira 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
P964	Produção científica e experiências exitosas na educação brasileira 2 [recurso eletrônico] / Organizadores Keyla Christina Almeida Portela, Alexandre José Schumacher. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Produção Científica e Experiências Exitosas na Educação Brasileira; v. 2) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-552-5 DOI 10.22533/at.ed.525192108 1. Educação – Pesquisa – Brasil. 2. Professores – Formação – Brasil. I. Portela, Keyla Christina Almeida. II. Schumacher, Alexandre José. III. Série. CDD 370.71
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Os e-books intitulados “**Produção Científica e Experiências Exitosas na Educação Brasileira**” apresentam 6 volumes baseados em trabalhos e pesquisas multidisciplinares de diversos estudiosos da educação. A produção científica corrobora para o conhecimento produzido e difundido, além de fazer um papel de diálogo entre os pesquisadores e o meio científico.

Estas pesquisas têm como base os estudos multidisciplinares, que apresentam desafios em seu mapeamento, pois envolvem pesquisadores com distintas áreas de atuação. Diante desse cenário, a Atena Editora aglutinou em seis volumes uma grande diversidade acadêmico científica com vistas a uma maior contribuição multidisciplinar.

No primeiro volume encontramos trabalhos relacionados as vivências, práticas pedagógicas, desafios profissionais, formação continuada, bem como propostas de novas técnicas diante do cotidiano dos pesquisadores.

No segundo volume nos deparamos com estudos realizados no âmbito da educação especial, bullying, educação inclusiva e direitos humanos, bem como com políticas educacionais. Neste capítulo, buscou-se apresentar pesquisas que demonstrem aos leitores as experiências e estudos que os pesquisadores desenvolveram sobre os direitos e experiências educacionais.

No terceiro volume temos como temas: as tecnologias e mídias digitais, recursos audiovisuais, formação de jovens e adultos, currículo escolar, avaliação da educação, mudança epistemológica e o pensamento complexo. Neste volume, é perceptível o envolvimento dos pesquisadores em mostrar as diferenças de se ensinar por meio da tecnologia, e, também, com visão não reducionista, ou seja, o ensinar recorrendo a uma rede de ações, interações e incertezas enfrentando a diversidade humana e cultural.

No quarto volume, encontra-se diferentes perspectivas e problematização em relação as políticas públicas, projetos educativos, projetos de investigação, o repensar da prática docente e o processo de ensino aprendizagem. Os artigos aqui reunidos exploram questões sobre a educação básica abordando elementos da formação na contemporaneidade.

No quinto volume, apresenta-se pesquisas baseadas em reflexões, métodos específicos, conceitos e novas técnicas educacionais visando demonstrar aos leitores contribuições para a formação dos professores e as rupturas paradigmáticas resultante das experiências dos autores.

Para finalizar, o sexto volume, traz relatos de experiências e análises de grupos específicos visando demonstrar aos leitores vários estudos realizados em diversas áreas do conhecimento, sendo que cada um representa as experiências dos autores diante de contextos cotidianos das práticas educacionais sob diferentes prospecções.

À todos os pesquisadores participantes, fica nossos agradecimentos pela

contribuição dos novos conhecimentos. E esperamos que estes e-books sirvam de leitura para promover novos questionamentos no núcleo central das organizações educacionais em prol de uma educação de qualidade.

Keyla Christina Almeida Portela
Alexandre José Schumacher

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A AFETIVIDADE SOB O OLHAR DE DOCENTES DE UM CURSO DA ÁREA DA SAÚDE	
Eliane Caldas da Silva	
Marcele Pereira da Rosa Zucolotto	
DOI 10.22533/at.ed.5251921081	
CAPÍTULO 2	14
A AFRICANIDADE PRESENTE NA OBRA DE IRINEU RIBEIRO	
Abinair Maria Callegari	
DOI 10.22533/at.ed.5251921082	
CAPÍTULO 3	27
A EDUCAÇÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA VISUAL NO ESTADO DO PARANÁ: A DÉCADA DE 1990	
Patricia da Silva Zanetti	
Isaura Mônica Souza Zanardini	
Lucia Terezinha Zanato Tureck	
DOI 10.22533/at.ed.5251921083	
CAPÍTULO 4	36
A IMPORTÂNCIA DA FESTA DO PINHÃO, PARA A VALORIZAÇÃO DA CULTURA NA COMUNIDADE SANTO ANTÔNIO, LINHA DOS POMERANOS, AGUDO/RS	
Kátia Fernanda Barrim Paz	
Natália Laura Prodorutti	
Ricardo Henrique Klüsener	
DOI 10.22533/at.ed.5251921084	
CAPÍTULO 5	48
A IMPORTÂNCIA DO ENVOLVIMENTO PATERNO NO DESEMPENHO ACADÊMICO INFANTIL	
Lisiane Pires Silva	
Daniela Neris Gonçalves	
Morgana Mariano Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.5251921085	
CAPÍTULO 6	64
A MESORREGIÃO NOROESTE FLUMINENSE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO: UM ESTUDO DO PERFIL DEMOGRÁFICO E EDUCACIONAL DAS DESIGUALDADES DE UM BRASIL DESCONHECIDO	
Pablo Silva Machado Bispo dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.5251921086	
CAPÍTULO 7	78
A MÚSICA, O SOM E O SILÊNCIO NA CORPOREIDADE	
Ana Paula Silva Guimarães	
Wylka Aquino da Silva	
Alzenira de Carvalho Miranda	
Sônia Bessa	
DOI 10.22533/at.ed.5251921087	

CAPÍTULO 8	90
A PERSPECTIVA HISTÓRICA E POLÍTICA DA INTERDISCIPLINARIDADE PELO ENFOQUE DA EDUCAÇÃO	
Carmem Lúcia Albrecht da Silveira Munir José Lauer	
DOI 10.22533/at.ed.5251921088	
CAPÍTULO 9	102
A SUBVERSÃO DO CURRÍCULO: MÃE DE SANTO COM CURRÍCULO LATTES E OUTROS ENFRENTAMENTOS NA IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 10.639/03 NO IFMS	
Guilherme Costa Garcia Tommaselli Gilmar Ribeiro Pereira Leandro Passos	
DOI 10.22533/at.ed.5251921089	
CAPÍTULO 10	114
ANÁLISE DO EQUILÍBRIO ESTÁTICO DE ALUNOS COM SÍNDROME DE DOWN	
Wanessa Eloyse Campos dos Santos Josielen de Oliveira Feitosa Meire Ferreira Pedroso da Costa Robson Alex Ferreira Ruth Alves de Souza Sandra Simone Silva Cruz Viviany da Silva Brughnago	
DOI 10.22533/at.ed.52519210810	
CAPÍTULO 11	124
APRENDIZADO DO BRAILLE: ACESSO AO CONHECIMENTO E POSSIBILIDADES DE INCLUSÃO	
Márcia Raimunda de Jesus Moreira Silva Diná Santana de Novais Lucimara Morgado Pereira Lima Luciana Costa Souza Marta Martins Meireles Nélia de Mattos Monteiro Tháise Lisboa de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.52519210811	
CAPÍTULO 12	138
AS AÇÕES EDUCACIONAIS DO GOVERNO FEDERAL DE INCLUSÃO PARA ALUNOS SURDOS NO ENSINO REGULAR: E AS IMPLICAÇÕES SÓCIOESPACIAIS	
Gilmar Oliveira da Silva Patrícia Almeida dos Santos Cristiane Oliveira dos Anjos	
DOI 10.22533/at.ed.52519210812	
CAPÍTULO 13	145
ATENDIMENTO A ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES E SUPERDOTAÇÃO: PROPOSTA DE POLÍTICA PARA REDES MUNICIPAIS DE ENSINO	
Kamile Lima de Freitas Camurça Gleíza Guerra de Assis Braga Antonio Nilson Gomes Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.52519210813	

CAPÍTULO 14	150
<i>BULLYING</i> E DIREITOS HUMANOS: UM DIAGNÓSTICO DA ESCOLA ESTADUAL ANTÔNIO EPAMINONDAS, CUIABÁ, MT	
Gilson Pequeno da Silva Deyvison Ronny da Silva Lopes Rodney Mario de Almeida Raquel Martins Fernandes Mota	
DOI 10.22533/at.ed.52519210814	
CAPÍTULO 15	156
COMO VAI O NOSSO TRÂNSITO?	
Jaci Lima	
DOI 10.22533/at.ed.52519210815	
CAPÍTULO 16	168
CONCEPÇÃO DE DIREITOS HUMANOS E VIOLAÇÕES DESSES DIREITOS NA ATUALIDADE	
Roberta Moraes Simione Denize Aparecida Rodrigues de Amorim	
DOI 10.22533/at.ed.52519210816	
CAPÍTULO 17	179
CONHECIMENTO E FORMAÇÃO AMBIENTAL DE ALUNOS DO NÍVEL MÉDIO DA UNIVERSIDADE AUTÓNOMA DE GUERRERO	
Herlinda Gervacio Jiménez Benjamín Castillo Elías	
DOI 10.22533/at.ed.52519210817	
CAPÍTULO 18	191
DESAFIOS E POSSIBILIDADES: CULTURA, MEMÓRIA E EDUCAÇÃO EM DUAS EXPERIÊNCIAS DE EXTENSÃO NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS	
Aruanã Antonio dos Passos Wilson de Sousa Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.52519210818	
CAPÍTULO 19	202
DESENVOLVIMENTO MOTOR DE UMA CRIANÇA COM MICROCEFALIA E PARALISIA CEREBRAL	
Josielen de Oliveira Feitosa Robson Alex Ferreira Wanessa Eloyse Campos dos Santos Ruth Alves de Souza Meire Ferreira Pedroso da Costa Sandra Simone Silva da Cruz Viviany da Silva Brugnhago Victor da Cruz Valle	
DOI 10.22533/at.ed.52519210819	
CAPÍTULO 20	212
DIVISÃO DO TRABALHO EM CRECHES PÚBLICAS EM MEIO A DISPUTAS LEGAIS: O CASO DE MAUÁ/SP	
Sanny S. da Rosa Fernanda Feliciano de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.52519210820	

CAPÍTULO 21	233
“DO CÉU SÓ CAI CHUVA”: CULTURA E IDENTIDADE INDÍGENA	
Priscila Chuarts Alessio	
Márcia Andréa dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.52519210821	
CAPÍTULO 22	244
EARLY DIAGNOSIS TO THE PEDIATRICS CANCER: THE TELE-EDUCATION IN FAVOUR	
Mariana Boulitreau Siqueira Campos Barros	
Kayse Mariano Santos Barros	
Magaly Bushatsky	
Jocasta Bispo de Santana	
Vera Lúcia Lins de Moraes	
Raul Antônio Moraes Melo	
Paula Rejane Beserra Diniz	
Magdala de Araújo Novaes	
Helana Maria Ferreira Renesto	
DOI 10.22533/at.ed.52519210822	
CAPÍTULO 23	257
INVERTENDO PRIORIDADES NAS POLÍTICAS PARA A EDUCAÇÃO EM MATO GROSSO	
Odorico Ferreira Cardoso Neto	
DOI 10.22533/at.ed.52519210823	
CAPÍTULO 24	273
EDUCAÇÃO INCLUSIVA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ACESSIBILIDADE NA EDUCAÇÃO DO CAMPO EM DOM PEDRITO	
Maria Helena Mena Dutra	
DOI 10.22533/at.ed.52519210824	
CAPÍTULO 25	288
EDUCAÇÃO INCLUSIVA NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA: UM TRABALHO EM CONSTRUÇÃO	
Liliane dos Guimarães Alvim Nunes	
Lavine Rocha Cardoso Ferreira	
Priscila Moreira Corrêa-Telles	
Lucianna Ribeiro de Lima	
DOI 10.22533/at.ed.52519210825	
CAPÍTULO 26	297
ENSINO COLABORATIVO COMO PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA O TRABALHO COM ALUNOS PÚBLICO ALVO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL: ALGUMAS REFLEXÕES	
Gislene de Sousa Oliveira Silva	
DOI 10.22533/at.ed.52519210826	
CAPÍTULO 27	307
ENSINO FUNDAMENTAL DE NOVE ANOS E AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: POSSIBILIDADES DE MUDANÇAS	
Michelle Castro Silva	
DOI 10.22533/at.ed.52519210827	

CAPÍTULO 28	321
LETRAMENTO CARTOGRÁFICO NA GEOGRAFIA ESCOLAR: O <i>GOOGLE EARTH</i> COMO RECURSO DIDÁTICO NUMA PROPOSTA DE ENSINO HÍBRIDO	
Jonas Marques da Penha Andréa de Lucena Lira Alexsandra Cristina Chaves Rucélia Patricia da Silva Marques	
DOI 10.22533/at.ed.52519210828	
CAPÍTULO 29	334
LETRAMENTO E LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA	
Gislene de Sousa Oliveira Silva	
DOI 10.22533/at.ed.52519210829	
CAPÍTULO 30	345
LITERATURA INFANTIL NA ESCOLA: REPRESENTAÇÕES DE FAMÍLIA NO DISCURSO DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Camila Bonin Liebgott Rosa Maria Hessel Silveira	
DOI 10.22533/at.ed.52519210830	
SOBRE OS ORGANIZADORES	359
ÍNDICE REMISSIVO	360

“DO CÉU SÓ CAI CHUVA”: CULTURA E IDENTIDADE INDÍGENA

Priscila Chuarts Alessio

Universidade Tecnológica Federal do Paraná.
Pato Branco – Paraná.

Márcia Andréa dos Santos

Universidade Tecnológica Federal do Paraná.
Pato Branco – Paraná.

RESUMO: Este artigo refere-se a um estudo realizado sobre duas falas de docentes de uma escola indígena localizada no interior do Paraná, em que uma das falas recortadas é de uma docente indígena e outra de uma docente não indígena. A fim de relacionar algumas dessas questões a respeito de identidade e cultura, mais especificamente sobre a indígena, este estudo tem como seu objetivo geral, observar aspectos relacionados à construção de identidade e cultura presente em falas indígenas e não indígenas. E como objetivo específico, pretende-se analisar e comparar as falas selecionadas para que se possa observar de maneira mais clara as inter-relações presentes nos discursos. Algumas questões que nos levaram a realizar esse estudo: Qual a relação entre os dois discursos? Como se dá a afirmação da identidade presente no discurso da docente indígena? Qual é sua relação em contrapartida da visão não indígena? Consideramos, contudo que a análise seguiu o caminho esperado e que pudemos observar as

tensões resultantes das relações conflituosas e contraditórias geradas pela diversidade cultural existente no dado contexto, refletindo e refratando tal realidade observada.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade. Cultura. Indígena.

“ONLY FROM THE SKY FALLS THE RAIN”: CULTURE AND IDENTITY OF INDIGENOUS

ABSTRACT: This article refers to a study carried out about a two speeches of the teachers of an indigenous school located in Paraná. One of the speeches is from an Indian teacher and another, is from a teacher non-indian. In order to relate some of these questions about identity and culture, specifically on indigenous, this study has as its main objective, to observe aspects related to the construction of identity and culture present in indigenous and non-indigenous speeches. And as a specific objective, we intend to analyze and compare the lines selected so that we can observe more clearly the interrelationships of the discourse. Some issues that led us to conduct this study: What is the relationship between the two speeches? How is the assertion of this identity in the indigenous discourse? What is the identity relationship in detriment of the non-Indian teacher’s view? We believe, however, that the analysis followed the

expected path and that we could observe the strains of conflictual relations generated by cultural diversity in the given context.

KEYWORDS: Identity. Culture. Indigenous.

1 | INTRODUÇÃO

A comunidade indígena no Brasil carrega, historicamente, discursos amalgamados que revelam preconceito sobre sua constituição, seus sujeitos e sua cultura. Por vezes ainda podemos observar nas escolas as comemorações do dia do índio perpetuando a imagem essencializada da cultura indígena. Esse índio representado em tais situações demonstra estar em estagnação. Mesmo com as transformações históricas, das condições de sobrevivência de seu povo tornarem-se outras, das diversas influências culturais e políticas, esse índio continua usando seu cocar e lutando bravamente por seu alimento.

Apesar de o índio poder usar cocar, as lutas indígenas caminharam para direções diferentes das que ainda são demonstradas nas apresentações comemorativas. Esse índio, que é um novo índio, mas, é também o mesmo, agora luta por dizer-se politicamente, por melhores condições de educação, de qualidade de vida. Esse índio precisou devido a forças externas, tirar seu cocar e lutar por causas mais urgentes. Contudo, embora o índio tenha conquistado mais espaço na sociedade, ainda é possível observar discursos que relatam uma ideia essencializada a respeito da comunidade indígena.

Hall (2005, p. 7) afirma que “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado”. Para o indivíduo índio esse processo ocorre como fragmentação de sua identidade essencializada, que se ressignifica através de costumes, de músicas, de danças, através de aspectos culturais passados de geração em geração entre os indígenas, entre outros. Fragmenta-se, pois, necessita se fragmentar se quiser sobreviver ao mundo ocidental, frente às dinâmicas sociais que este mundo reproduz. As estruturas sociais, portanto, estão sendo deslocadas abalando as referências em que os indivíduos se estabilizavam no mundo social (HALL, 2005).

A fim de relacionar algumas dessas questões a respeito de identidade e cultura, mais especificamente sobre a indígena, este estudo tem como seu objetivo geral, observar aspectos relacionados à construção de identidade e cultura presente em falas indígenas e não indígenas. E como objetivo específico, pretende-se analisar e comparar as falas selecionadas para que se possa observar de maneira mais clara as inter-relações presentes nos discursos.

O *corpus* foi gerado a partir de uma visita realizada a uma escola indígena localizada no interior do Paraná, no primeiro semestre do ano de dois mil e dezesseis, com o objetivo de conhecer a instituição e a educação indígena. Duas

falas se destacaram aos olhos das pesquisadoras: uma é proveniente do discurso de uma docente não índia e outra de uma docente indígena como serão mais bem elucidadas à frente. Serão utilizados nomes fictícios para representá-las, sendo a docente não índia, Maria, e a docente indígena será chamada de Alberta.

Algumas questões nos levaram a realizar esse estudo, considerando nosso objetivo de compreender a relação entre os dois discursos selecionados, são elas: como se dá a afirmação da identidade presente no discurso da docente indígena? Qual é sua relação com a representação não indígena? Assim, tentaremos firmar nossa responsabilidade em considerar estas questões de pesquisa como parâmetros para seguir com nosso estudo. Dividimos a pesquisa em dois aspectos fundamentais: em um primeiro momento destacaremos os parâmetros teórico-metodológicos a respeito de cultura e identidade, e em um segundo momento apresentaremos, juntamente com o contexto de pesquisa, as falas destacadas e as possíveis análises decorrentes.

2 | CULTURA E IDENTIDADE

As ideias de cultura e identidade foram mudando com o passar dos anos, sempre engendradas nas mudanças políticas e sociais. Ora, se determinado social e historicamente que tal país detinha o poderio econômico, ora os costumes, a postura social alavancava um *status* socialmente superior, sendo tal cultura admirada e copiada por outros (SANTOS, 2010). Esse *status* de superioridade que a Europa detinha (e/ou detém), principalmente na Idade Média, fez com as dinâmicas sociais convergissem, praticamente, em um único sentido, o sentido ocidental.

Como base para que a visão ocidental desenvolvesse ideais sociais, é possível observar as influências no desenvolvimento tecnológico, na cultura científica e visão de mundo, entre outros aspectos culturais e de comportamento advindas do mundo europeu e também dos Estados Unidos (HALL, 2005). É possível observar que há a criação de uma visão etnocêntrica de cultura, onde tudo pode ser julgado e visto segundo uma cultura predominante considerada superior. Tal noção advém de conceitos civilizatórios provenientes de países colonizadores como forma de impor sua cultura e noção como forma de dominação sobre os colonizados considerados por tais como inferiores (HALL, 2005).

Com o desenvolvimento da noção de cultura, principalmente no início do século XX e final do século XIX, a ideia de cultura postulada em produções artísticas de um povo, em monumentos, no caráter nacional (BURITY, 2002) para um sentido mais completo e amplo, mais relativo. Verificamos, pois, que as concepções da significação de cultura, progrediram no sentido de expor a ideia de que cultura é construção entre o simbólico e o material, sendo ambos construtos da realidade (BURITY, 2002). Nosso objetivo não é esgotar sobre o tema, mas apenas nos localizar enquanto

leitores.

Em Burity (2002) verificamos cultura como “processo constante de produção de sentido inseparavelmente ligado a práticas individuais e coletivas, por meio dos quais a realidade social se constitui e que inclui, mas não se limita àquelas” (GARCIA, 1996; ALVAREZ, DAGNINO E ESCOBAR, 1998; BURITY, 1997, p. 31-35; FEATHERSTONE, 1996, p.115-20 apud BURITY, 2002). Cultura se verifica como um processo que acontece, que está de acontecer, e que está acontecendo, relacionado às práticas individuais e coletivas que ocorrem no mundo, convergindo para construção de toda realidade social.

Ocorre uma espécie de diálogo entre o caráter individual e o caráter coletivo, em que ambos caminham juntos construindo a realidade. Santos (2010) adverte que se considerarmos o conceito de cultura como construção histórica de diferentes grupos sociais, devemos compreender toda a situação social e histórica que produz tal sistema cultural a ser analisado, pois as relações que dão procedência a diferentes culturas são desiguais, geram conflitos e tensões, fazendo com que cultura seja um terreno de enfrentamento e disputa.

Com as sequentes imigrações e migrações que ocorreram no mundo, os deslocamentos, o colonialismo e o pós-colonialismo, fizeram com que as ditas sociedades “puramente” étnicas e culturais sofressem mudanças, tornando-se mais “mistas” (HALL, 2003). O chamado multiculturalismo, que segundo Hall (2003, p. 52) trata-se de “estratégias adotadas para governar ou administrar problemas de diversidade e multiplicidade gerados pelas sociedades multiculturais”, começa a ser observado de maneira acentuada no mundo ocidental, desencadeando em suas questões diversos conflitos e contradições.

É importante frisar a diferença elencada por Hall (2003) para que não haja confusão com os termos “multicultural” e “multiculturalismo”. Hall (2003) postula que multicultural seria um termo qualitativo que descreve as relações diversas presentes em sociedades em que se convivem diferentes comunidades culturais. E o multiculturalismo, como já mencionado acima, refere-se mais a questões filosóficas ou doutrinárias que sustentam toda estratégia multicultural.

A questão multicultural e o multiculturalismo estão diretamente relacionados ao sujeito pós-moderno que hoje podemos observar. Nós somos esses sujeitos. Sujeitos fragmentados, em que diversos fragmentos de culturas, do “outro” nos formam e fazem a sociedade que hoje observamos. Mas esse dito sujeito fragmentado da pós-modernidade percorreu um percurso para tornar-se. Essas noções de “sujeitos” foram desenvolvendo e refletindo as questões políticas e sociais ao longo do tempo, constituídas na identidade dos próprios sujeitos, em que é possível elencar três concepções de sujeito: o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno (HALL, 2005).

De um sujeito dotado de capacidades de razão, e aí adentramos um pouco nas questões de identidade, totalmente centrado em si mesmo, um sujeito masculino,

um sujeito Iluminista (HALL, 2005), passamos para a concepção de um outro sujeito, um sujeito sociológico, mas que ainda não é o nosso sujeito do século XXI. Com o passar do tempo, as dinâmicas políticas e sociais foram mudando, trazendo a tona outra perspectiva de sujeito. O sujeito sociológico, como apresenta Hall (2005), é um sujeito que reflete a complexidade do mundo moderno, e que, nesta concepção havia a consciência de que o interior desse sujeito não era autossuficiente, mas que dependia das relações com outros que mediavam a cultura dos diferentes mundos em que habitava.

O sujeito sociológico, porém, se observa como uma espécie de sutura entre o sujeito e a estrutura:

O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem. A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior”— entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando- os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural (HALL, 2005, p. 11-12).

Para Hall (2005), essa concepção estabiliza os sujeitos e os mundos com que interage, dando a eles uma noção mais unificada, mais predizível. Contudo, a identidade não pode mais ser vista como unificada ou essencializada, sendo o sujeito constitutivo muitas vezes não de um, mas de vários fragmentos de diferentes identidades, muitas vezes contraditórias. O sujeito pós-moderno passa a fazer parte de um processo de identificação provisório, variável e problemático, em que assume identidades diferentes em diferentes momentos, que não são unificadas.

Scherer-Warren (2002) comenta a complexidade da sociedade contemporânea, que é também globalizada e informatizada, revelando através dos movimentos sociais uma multiplicidade de identidades, sujeitos que são definidos não apenas por suas classes, mas pelas identidades de gênero, étnica, religiosa, etária, etc. Não há apenas uma identidade, mas várias: ao mesmo tempo em que se é índio, pode não se identificar totalmente com a cultura indígena, buscando forças externas ao meio social localizado, muitas vezes contraditórias, constituindo-se um sujeito múltiplo, multicultural.

De acordo com Santos (2010, p. 47) essa multiplicidade que há nos sistemas de representação cultural e significação “faz com que o *sujeito pós-moderno*, antes de ser constituído por uma única identidade, se encontre descentrado, deslocado em meio a várias identidades, algumas delas até mesmo contraditórias”. No terreno multicultural há espécies de enfrentamentos e contradições dentro das sociedades. Essas contradições referem-se às relações que há entre o que é global e o que é local. O Global refere-se, como o próprio termo sustenta, à globalização e seus efeitos nas sociedades, onde a tendência cultural é a homogeneização, tendo como

caráter ideológico o neoliberalismo global, sendo a orientação financeira e cultural voltada para o Ocidente, tendo como expoente os Estados Unidos (HALL, 2003).

Entretanto, apesar de se haver a forte tendência de homogenizar as culturas, o global gera efeitos nessas comunidades, efeitos de diferença, de contradição entre o que é local e o que é global, sendo que o local representa uma resistência dessas culturas (HALL, 2003). Dessa maneira, podemos afirmar que o que é local não é algo estável, mas sim que trata-se, inclusive, de certa resistência àquilo que é homogeneizante em determinada sociedade.

Conforme Hall (2005):

A idéia de que esses são lugares “fechados” — etnicamente puros, culturalmente tradicionais e intocados até ontem pelas rupturas da modernidade — é uma fantasia ocidental sobre a “alteridade”: uma “fantasia colonial” sobre a periferia, mantida pelo Ocidente, que tende a gostar de seus nativos apenas como “puros” e de seus lugares exóticos apenas como “intocados”. Entretanto, as evidências sugerem que a globalização está tendo efeitos em toda parte, incluindo o Ocidente, e a “periferia” também está vivendo seu efeito pluralizador, embora num ritmo mais lento e desigual (HALL, 2005, p. 79-80).

Os sujeitos são vistos pelo global como seres essencializados, e para a dinâmica da globalização importa que essa visão seja frequentemente reafirmada para manter o *status* de multicultural. Entretanto, devido à própria dinâmica da globalização, não há como manter a visão monoculturalista das identidades, nem que tais possam ser vistas a partir do relativismo multicultural, que de certa forma justifica a exclusão por justificar a diferença. Mas é necessário haver um diálogo que possa considerar ao mesmo tempo as raízes originárias de determinado grupo bem como considerar as trocas intersubjetivas e comunicativas na construção das identidades (SCHERER-WARREN, 2002).

O hibridismo é considerado como “a fusão entre diferentes tradições culturais” (HALL, 2005, p. 91), destaca as variantes culturas fusas em uma cultura híbrida, que influencia diretamente no modo de vida de seus sujeitos, deslocando a ideia de uma cultura essencializada. Pode ser observada em diferentes culturas uma busca às raízes essencializadas para uma espécie de marcação de fronteira identitária, sendo um exemplo disso, o fenômeno do fundamentalismo em certas comunidades (HALL, 2005). Buscas que podem ser, segundo Bauman (1990, apud in HALL, 2005), geradas devido a uma crescente separação nessas comunidades entre “o pertencimento ao corpo político e o pertencimento étnico (ou mais geralmente, a conformidade cultural) que elimina grande parte da atração original do programa de assimilação cultural”.

As questões a respeito de identidade e cultura estarão sempre em discussão e observação, cabe a nós não cerrarmos os olhos as conformidades sociais relativizantes das dinâmicas globalizantes multiculturais pós-modernas. Conforme sugere Skliar (2002, p. 197) é a existência de um novo sujeito do mesmo “[...] porque se multiplicam suas identidades já conhecidas, extremam-se os nomes sobre nomes

já pronunciados. Somente alguns poucos retalhos de sua alma são autorizados, respeitados, aceitos e tolerados”.

3 | PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Partiremos agora para a análise proposta, que suscitou toda esta pesquisa. Como já relatado acima, para que esse *corpus* pudesse ser gerado, foi realizada uma visita técnica em uma escola indígena localizada no interior do Paraná. Essa visita teve como objetivo conhecer a escola, sua constituição, quem são os atores e como é realizada a educação indígena. Ao chegar fomos recebidos pela pedagoga coordenação não indígena da escola, conversamos com a equipe, tendo como expoente a fala da docente coordenadora da escola que chamaremos de Maria. Maria nos contou como foi que a escola tornou-se estadualizada, falou de suas dificuldades, dentre outras informações.

Em um segundo momento, nos reunimos com os professores indígenas da escola, estes nos contaram sobre como se tornaram professores, o que se ensina na escola indígena, as dificuldades em serem professores indígenas e como foi o processo de implantação da escola dentro da comunidade, dessa vez sob ponto de vista dos indígenas. A fala destacada, que corresponde à docente indígena que chamaremos de Alberta, revelou alguns aspectos que vieram ao encontro do que Maria tinha destacado anteriormente sob sua perspectiva de quem seria o índio. A seguir pontuaremos as duas falas alcançando as possíveis relações entre as duas e que implicações podem ser observadas.

3.1 “Do céu só cai chuva”

A primeira fala que nos chamou atenção foi a fala de Maria. Foi a primeira que ouvimos, a primeira visão que pudemos perceber de alguém que está todos os dias em contato com a comunidade indígena. Maria, que trabalha há oito anos na escola, conhece bem o histórico da mesma, e segundo ela, já fez de tudo na instituição.

O seguinte trecho a ser analisado, remete ao contexto de que Maria nos viu como alguém para “desabafar”, como ela mesma diz, sobre algumas questões que parecem estar abalando seu trabalho e sua visão de si mesma como coordenadora da escola. Maria ao que parece, se identifica conosco, por talvez sermos professoras brancas da cidade e ela também desempenhar esse papel identitário. Vê nossa visita como válvula de escape para seu estresse. No trecho selecionado, Maria estava contando que sofre com dificuldades para engajar os pais indígenas na compra de materiais para as crianças, visto que a escola recebe um valor muito abaixo do necessário para a compra dos mesmos. Maria reproduz a fala de um pai indígena:

[...] até na reunião teve indígena que falou professora... **nós índios somos acostumados a ganhar as coisas... é costume nosso... néh... então... mas foi**

bem tranquilo eles entenderam daí o básico... lápis caderno borracha...

“Nós índios somos acostumados a ganhar as coisas... é costume nosso”, remete a uma visão de Maria a respeito de quem são os índios. Poderíamos dizer que são minorias excluídas que ganham as coisas do governo, ao passo que ela, e o grupo cultural que representa, precisa lutar e batalhar para conquistar as coisas, com seu próprio braço, seu próprio suor. Outro trecho pode confirmar essa ideia:

[...] porque se você tem um perfil que se você é:... que você quer as coisa pra JÁ... e você depende... **porque quando é você... você consegue...** AGora quando você depende do **OUTro... é difícil...** né... **e eles tem uma cultura que eles diz assim...** “Ô professora... nosso compromisso aqui é vim pra escola e volta pra casa... nós não temos essa vida corrida que vocês tem...” pode vê... a **gente** estuda... a **gente** trabalha... a **gente** faz pós... a **gente** faz isso... faz aquilo... eles **NÃO...** então... que que eles vem... eles vem trabalhar e volta pra comunidade... da comunidade eles vão visitar as famílias:... **eles não tem essa... essa vida ATROPElada... atropelada... porque a nossa vida É ATROPElada...** que nem eles vem...

Quando Maria comenta que quando é por suas próprias forças, ela consegue, mas quando precisa depender do outro, e esse outro é o outro indígena, ela se vê em uma situação difícil. Continua sua fala dizendo que a cultura dos indígenas é de ter uma vida mais calma, sem tantas preocupações que o branco possui. Maria continua dizendo que “[...] a gente estuda... a gente trabalha... a gente faz pós... a gente faz isso... faz aquilo... eles **NÃO**”, remetendo a si própria em detrimento do “outro” indígena. Destacamos a utilização do termo “a gente”, em que Maria inclui, não apenas a si, mas a todos os presentes na sala. Todos os professores brancos “da cidade” que ao que parece, há uma forte distinção entre esses e os professores indígenas.

Evoca forças, significações além de si para reforçar seu argumento de que “temos uma vida atropelada”. Podemos relacionar, de certa forma ao que Goffman (2002, p. 51) descreve como a capacidade do ator em incutir na plateia “a crença de estar relacionado com ela de um modo mais ideal do que o que ocorre na realidade”. Podemos também, relacionar ao que o autor qualifica como sinceridade considerando que o ator está “convencido de que a impressão de realidade que encena é a verdadeira realidade” (GOFFMAN, 2002, p.25).

Existe uma relação identitária com o grupo a que Maria está se relacionando e por haver uma relação em que Maria se identifica com quem a está ouvindo, ela os incluiu em seu próprio discurso de embates culturais com os indígenas. “A gente” relaciona-se com imagens identitárias que não são étnicas, mas que marcam fronteiras políticas. Quer dizer: temos vida atropelada, pois estamos dentro do fluxo da máquina capitalista e dependemos de nossas forças, de nosso *eu*, pois não ganhamos nada do governo, não somos os indígenas.

Em detrimento a essa visão de Maria, colocamos o discurso de Alberta. Alberta é professora na escola indígena e faz parte do rol dos professores indígenas que ali trabalham e vivem. Ao ser questionada por um dos pesquisadores sobre sua trajetória

até tornar-se professora da escola, Alberta conta um pouco sobre as dificuldades ao estudar fora da comunidade:

[...] porque que nem eu falo pra esses... porque eu dei 8 meses de aula, né... que **tem que** enfrentá... **tem que por a cara a tapa**... nada é fácil... você ficar esperando cair do céu... **porque do céu só cai chuva**... se você não correr atrás e não enfrentar...

Em primeiro momento chamamos a atenção para o uso de “tem que”, ter que fazer algo implica uma relação de obrigatoriedade. Ter que enfrentar o mundo fora da comunidade indígena, fora da proteção das relações étnicas e culturais indígenas, reflete às dinâmicas postas em arena devido à globalização, ao multiculturalismo que Hall nos descreve. O indivíduo índio não pode mais sobreviver dos adventos de sua caça, de sua produção seja de alimentos ou cultural, teve que transpor as fronteiras da comunidade, “correr atrás” para não continuar segregado na sociedade e ver sua comunidade desaparecer econômica e culturalmente frente ao fluxo globalizante.

O ponto de vista monocultural que fixa as identidades determinadas segundo cada contexto social (SCHERER-WARREN), traz essa ideia de sujeito essencialista. Podemos perceber no discurso de Alberta a luta contra essa visão essencialista, reafirmada no discurso de Maria, de um índio, quieto, calmo, que leva a vida de maneira “desacelerada”. Alberta continua seu discurso a respeito de como se sente sendo uma indígena que estuda em um dos melhores estabelecimentos públicos da região :

[...] não que você seja melhor que ninguém... mas pra você mostrar... isso não serve só pro indígena... isso serve pra todos... pro quilombola... pro indígena... pra quem tem uma condição financeira mais ou menos... aquele, né que é bem pobrezinho também... isso serve pra... como posso explicar... **pra você mostrar, né que você é capaz**... porque o tempo de hoje as coisas estão bem fáceis, né... **basta querer** mesmo... pra estudar... pra trabalhar... mas pra estudar principalmente está muito fácil.. então... **só não cresce quem não quer né**... então assim eu to me formando, né... graças a deus... não por assim por ser indígena... me orgulho também... mas por na minha família não tem nenhum tipo de formação...

Ao dizer que sente como estivesse realizando “pra mostrar” à cultura dominante de que é capaz, que não está fazendo apenas por sua comunidade, mas também “pra todos”. Entretanto, esse “todos” claramente não são todos e ela descreve em seguida: “pro quilombola... pro indígena... pra quem tem uma condição financeira mais ou menos... aquele né que é bem pobrezinho também”, demonstrando um forte senso de identidade cultural com outros grupos que mantêm em comum a situação de dominação em relação às expressões culturais de minorias (SCHERER-WARREN, 2002).

Ao dizer que “basta querer”, que “não cresce quem não quer” e que “está muito fácil”, Alberta de um lado reafirma o discurso capitalista de batalhar pelas coisas inerentes a cultura ocidental, mas também reafirma a identidade indígena como povo que também corre atrás, que precisa lutar se quer algo, colocando em questionamento

a afirmação de Maria de que os indígenas tem uma cultura “acostumada a ganhar as coisas”. Há uma necessidade em afirmar-se de maneira a relacionar as questões identitárias indígenas com as questões culturais além da fronteira da comunidade.

Apesar de viver em comunidade unida etnicamente, o índio é um sujeito pós-moderno que convive com os fragmentos não apenas de sua própria cultura, mas da cultura dominante que cerca sua comunidade. Os embates gerados nas fronteiras culturais geram conflitos que internamente ressignificam esse índio, fazendo haver um novo índio, porém, que continua vivendo em comunidade. São tensões postas na arena multicultural da pós-modernidade.

4 | ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Claramente, como pôde ser observado nas leituras a respeito das questões de identidade e cultura, que este é um terreno muito fértil para infinitas discussões. Hall (2005) diz que este é um assunto muito complexo, pouco desenvolvido e pouco comentado dentro das ciências sociais. Nossa tentativa foi discutir, de maneira bem sucinta a respeito de algumas questões que envolvem esse tema, propondo uma reflexão sobre esses aspectos que cotidianamente nos cercam e nos constituem.

Sobre a análise, apesar de haver muitos aspectos relevantes e complexos nos trechos selecionados, relacionamos os pontos observados à assertiva de que a coordenadora da escola, Maria, representa, de certa forma, a visão essencialista da sociedade, pois apesar de trabalhar há oito anos com a educação indígena, ela ainda os enxerga como “ganhadores de coisas”. Maria parece ainda não compreender esse “outro” ao qual está diretamente ligada.

Em contrapartida consideramos o discurso de Alberta, que representa a luta dos professores indígenas em buscar vias de afirmarem-se culturalmente, como uma reafirmação identitária, a respeito do dizer que “o índio tem que lutar e que nada cai do céu, que é igual a todos”; reafirmação esta que só existe em detrimento de outras culturas que não são as indígenas. Há uma tentativa ao que parece da professora índia em reafirmar em seu discurso sobre a necessidade do índio em correr atrás de seus objetivos, dos estudos, etc., ao mesmo tempo essa ideia encontra-se com os valores de Maria.

A necessidade de um verdadeiro diálogo entre estes embates culturais é necessária e urgente. Como afirma Scherer-Warren (2002, p. 95) “no diálogo com o diferente é que se pode ir formando esse movimento cada vez mais aberto à interculturalidade”. É preciso traduzir as identidades específicas que os sujeitos constroem em si mesmos, levando em conta a historicidade e as raízes desses indivíduos, em políticas de fronteiras que possam contribuir com o fortalecimento de uma sociedade plural mais aberta à diversidade cultural. Talvez aí poderemos caminhar de maneira a tentar alcançar e considerar o outro.

REFERÊNCIAS

- BURITTY, Joanildo A. (org.). **Cultura e Identidade: perspectivas interdisciplinares**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Trad. Maria Célia Santos Raposo. 10 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- _____. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais**. Org. Liv Sovik. Trad. Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representações da Unesco no Brasil, 2003.
- SANTOS, Márcia A. **“Nós só conseguimos enxergar dessa maneira”...; representações e formação de educadores**. Campinas: SP, 2010. 192f. Tese (doutorado). Universidade Estadual de Campinas.
- SKLIAR, Carlos. **Pedagogia (improvável) da diferença: e se o outro não estivesse aí?**. 1 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- SCHERER-WARREN. Ilse. **Educação e Diálogo Intercultural**. Cuiabá: MS. 2002. Mesa Redonda Rev. Educação Pública. v.11. n.19. p-89-95.

SOBRE OS ORGANIZADORES

KEYLA CHRISTINA ALMEIDA PORTELA - Secretária Executiva formada pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Licenciada em Língua Inglesa e Espanhola pelo Centro Universitário de Varzea Grande – UNIVAG. Especialista em Linguística Aplicada pela Unioeste, Especialista em Gestão de Processos e qualidade pela Uninter, Especialista em Recursos Humanos pela Uninter, Especialista em Gestão de projetos pela Uninter, Especialista em Gestão e Docência em Ead pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Especialista em Didática do Ensino Superior pela Unipar, Especialista em Formação de professores pela UTFPR. Especialista em MBS – Master Business Secretaries pela Uninter. Mestre em Educação pela Universidade de Lisboa e Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCSP). Desenvolve trabalhos nas áreas de educação, ensino e gestão. Atualmente é docente do Instituto Federal do Paraná – Campus Assis Chateaubriand. E-mail para contato: keylaportela@bol.com.br

ALEXANDRE JOSÉ SCHUMACHER – Secretário Executivo formado pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE; Bacharel em Administração de Empresas com Habilitação Administração Hospitalar; Tecnólogo em Comércio Exterior; Doutor com menção internacional em Economia e Direção de Empresas; Tese resultante do processo de doutoramento foi premiado internacionalmente no prêmio “Adalberto Viesca Sada” pela Universidade de Monterrey no México no ano de 2015; possui Mestrado em Administração de Empresas; Especializações Lato Sensu em: Comércio Exterior para Empresas de Pequeno Porte; Docência no Ensino Superior; Administração e Marketing; MBA em Planejamento e Gestão Estratégica; MBA em Administração e Gerência de Cidades; Gestão Escolar; Administração em Agronegócios.. Já atuou como consultor em grupos empresariais em setores específicos; realiza palestras em conferências em temas específicos relacionados a sua área de formação e de desenvolvimento de pesquisas. É Pesquisador de temáticas relacionadas com as empresas familiares e suas dinâmicas. É Practitioner em PNL e Hipnose Moderna. Atualmente é docente do Instituto Federal do Paraná – Campus Assis Chateaubriand. E-mail para contato: alexandre.jose.schumacher@gmail.com

ÍNDICE REMISSIVO

A

Afetividade 1, 12

B

Braille 27, 28, 34, 35, 124, 125, 126, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137

Bullying 150, 151, 152, 155

C

Controvérsias jurídicas 212, 224

Creche 212, 232

Currículo 30, 33, 34, 35, 92, 105, 113, 212, 231, 358

D

Deficiência Visual 27, 30, 32, 33, 35, 125

Desenvolvimento 51, 62, 66, 71, 76, 78, 100, 152, 202, 211, 223, 224, 225, 226, 260, 285, 300, 305

Desenvolvimento Motor 202

Direitos humanos 178

Disciplina 90

Diversidade 113, 287, 302

Divisão do trabalho 212

E

Educação 2, 5, 2, 12, 13, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 61, 64, 65, 66, 67, 70, 74, 75, 76, 78, 79, 80, 88, 90, 91, 100, 102, 103, 113, 114, 124, 125, 126, 127, 128, 130, 136, 137, 138, 140, 141, 144, 146, 149, 150, 152, 155, 156, 157, 158, 159, 164, 165, 166, 167, 168, 177, 178, 191, 192, 200, 211, 212, 214, 216, 217, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 229, 230, 231, 232, 243, 255, 257, 258, 259, 260, 262, 266, 267, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 301, 302, 304, 305, 306, 308, 309, 314, 319, 321, 327, 332, 333, 334, 344, 345, 358, 359

Educação do Campo 36, 273, 275, 276, 280, 286, 287

Educação Especial 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 124, 125, 126, 136, 137, 146, 149, 273, 276, 277, 280, 287, 288, 289, 290, 291, 293, 295, 296, 301, 302, 304, 305, 306

Educação Inclusiva 126, 127, 138, 140, 144, 146, 273, 274, 276, 277, 278, 279, 280, 286, 287, 290, 291, 292, 293, 295, 296, 302, 306

Ensino 1, 29, 34, 35, 64, 72, 73, 78, 103, 150, 183, 184, 185, 186, 192, 193, 200, 225, 257,

259, 260, 261, 262, 263, 267, 272, 297, 299, 300, 303, 304, 305, 306, 307, 309, 312, 314, 319, 320, 321, 322, 323, 325, 332, 335, 337, 342, 347, 359

Ensino aprendizagem 78

Ensino Colaborativo 297, 299, 300, 303, 304, 305, 306

Ensino Superior 1, 267, 359

F

Formação Continuada 273, 276

G

Gestão Educacional 64, 257

I

Interdisciplinaridade 90, 91, 100

L

Leitura literária 342

M

Microcefalia 202, 211

Musicalização Infantil 78

P

Paralisia Cerebral 202, 204

Percepção 149, 179, 183, 186, 187

Pessoa com deficiência visual 27

Política educacional 27

Prática Pedagógica 125

Práticas Docentes 1

S

Sistema Nacional de Educação 257, 258, 272

Surdos 138, 141, 289

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-552-5



9 788572 475525